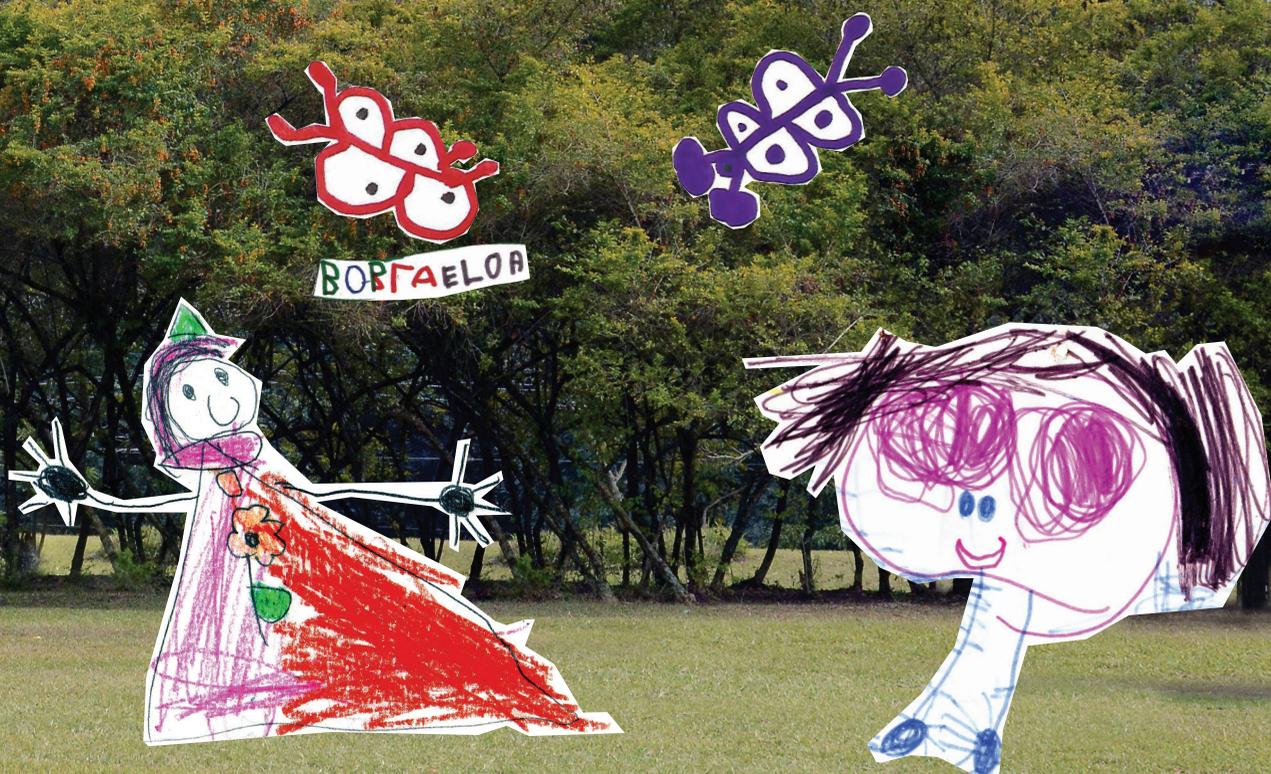


Programa Educação Infantil

Cuidados, saúde e bem-estar



Programa
Educação Infantil
Cuidados, saúde e bem-estar

Programa

Educação Infantil

Cuidados, saúde e bem-estar

Silvia Pereira de Carvalho

Clélia Cortez

Eliana Sista

São Paulo

Edição Avisa Lá - 2018

Programa Educação Infantil

Cuidados, saúde e bem-estar

Programa Educação Infantil

Realização

Banco Santander

Superintendente Executiva
de Sustentabilidade
Karine Siqueira Bueno

Coordenadora de Sustentabilidade
Herica Aires

Desenvolvimento técnico

Instituto Avisa Lá
Formação Continuada de Educadores

Coordenação geral
Silvia Pereira de Carvalho

Coordenação técnica

Clélia Cortez

Consultoras

Ana Carolina Carvalho
Eliana Sisa
Elza Corsi
Renata Frauendorf

Todos os direitos reservados
ao Instituto Avisa Lá.

Volume 1

Guia *Cuidados, saúde e bem-estar*

Coordenação e edição
Silvia Pereira de Carvalho

Redação
Clélia Cortez
Eliana Sisa

Projeto Gráfico
Tadeu Costa

Ilustrações
Crianças participantes do Programa

Fotos
Arquivo do Programa

Revisão de Texto
Silvia Balderama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C331 Carvalho, Silvia Pereira de.
Programa Educação Infantil [recurso eletrônico] : cuidados,
saúde e bem-estar / Silvia Pereira de Carvalho, Clélia Cortez,
Eliana Sisa. – São Paulo (SP): Instituto Avisa Lá, 2018
63 p. : il. – (Programa de Educação Infantil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-69384-08-3

1. Educação de crianças. 2. Educação infantil – Metodologia.
I. Carvalho, Silvia Pereira de. II. Cortez, Clélia. III. Sisa,
Eliana. IV. Título.

CDD 372.21

Municípios participantes

1ª edição (2011-2013)

Bahia

Antônio Cardoso
Barra do Choça
Bom Jesus da Lapa
Candeias
Cardeal da Silva
Cordeiros
Eunápolis
Irará
Itabuna
Jacobina
Juazeiro
Nova Fátima
Pindobaçu
Porto Seguro
Senhor do Bonfim
Santa Cruz de Cabrália
Teixeira de Freitas
Tucano

2ª edição (2015-2017)

Regiões

Norte

Abaetetuba - PA
Guaraí - TO
Araguatins - TO

Nordeste

Imperatriz - MA
São Domingos do Maranhão - MA
Campo Alegre - AL

Centro-Oeste

Sinop - MT

Sudeste

Matão - SP
Itapevi - SP
Guarujá - SP
Mirassol - SP
Salto - SP
Ourinhos - SP
Brumadinho - MG
Guarapari- ES

Sul

Esteio - RS
Uruguaiana - RS
Venâncio Aires - RS
Gramado - RS
Fazenda Rio Grande - PR

Carta ao leitor	8
Introdução	9
1 - Cuidar, uma ação educativa.....	13
1.1 - Integrando cuidar e educar	13
1.2 - Equipes que cuidam e educam	15
1.3 - Colocar em prática - projeto institucional e plano de ação	17
2 - Lavar as mãos, uma atitude ética	18
2.1 - Diagnóstico de cada município	21
3 - Assoar o nariz com autonomia	24
3.1 - O diagnóstico de cada município.....	25
3.2 - A prevenção das doenças respiratórias	26
4 - Comida e muito mais.....	28
4.1 - Um bom ponto de partida	30
4.2 - O papel da professora	32
4.3 - Organização e estética dos refeitórios	34
4.4 - Os bebês e a alimentação	37
4.5 - Alimentação e consumo	40
5 - Concluindo para abrir um convite	45
6 - Roteiro para futuras edições	46
7 - Plano de ação	50
8 - Projeto Institucional	
Centro Municipal de Educação Infantil Aquarela	55
9 - Referências bibliográficas do PEI.....	58

Caros(as),

O Banco Santander desenvolveu, no período de 2011 a 2017, em cooperação com o Ministério da Educação (MEC) e parceria técnica com o Instituto Avisa Lá, o Programa Educação Infantil. O Programa investiu na atuação qualificada de técnicos das Secretarias de Educação e profissionais das unidades educativas, com o objetivo de melhorar a qualidade do atendimento oferecido às crianças de 0 a 5 anos inseridas em creches e pré-escolas da rede pública de 39 municípios parceiros.

Em suas duas edições, buscamos fortalecer a autonomia e autoria dos participantes considerando as especificidades de cada município, sempre tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Além dos resultados obtidos em cada um dos municípios, nossa intenção, por meio desta sistematização, é contribuir para a implementação de bons programas de educação infantil, que tenham a criança como centro desta fase fundamental para o desenvolvimento humano e da sociedade.

O propósito do Banco Santander é contribuir para que as pessoas e os negócios prosperem. Trabalhamos para que o Brasil seja um país onde todos possam desenvolver o seu pleno potencial, onde usemos de forma estratégica e eficiente nosso capital natural e onde tenhamos uma economia inclusiva e resiliente. Estes três eixos estratégicos, que se correlacionam, orientam nossas ações. Assumimos nosso papel como agente de transformação que quer apoiar a sociedade brasileira em sua transição para o século XXI.

Entendemos que para que isso ocorra a educação tem um papel fundamental. O Santander é a empresa que mais investe em educação no mundo, segundo o Ranking Global Fortune 500 de 2015. Por meio do Santander Universidades, investimos em programas de ensino superior, concedemos bolsas de estudos nacionais e internacionais, promovemos a inserção de estudantes no mercado de trabalho e apoiamos iniciativas de empreendedorismo e inovação com incentivos e prêmios.

Com o Programa Educação Infantil, buscamos contribuir para o início deste ciclo de aprendizagem e desenvolvimento. Nosso objetivo com esta publicação é oferecer aos municípios brasileiros inspiração e orientação para a implementação, à luz da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, de suas propostas educativas, visando ao pleno desenvolvimento de nossas crianças.

Esperamos que este trabalho inspire novas práticas e reflexões que contribuam para que mais crianças tenham garantido seu direito a uma educação de qualidade nessa fase crucial de seu desenvolvimento, a primeira infância.

Boa leitura!

Karine Bueno
Superintendente Executiva de Sustentabilidade do Banco Santander



INTRODUÇÃO

O Programa Educação Infantil (PEI) do Banco Santander foi criado e desenvolvido tecnicamente pelo Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores (IAL), em cooperação com o Ministério da Educação em 2011. O PEI promoveu ações de qualificação das equipes técnicas e das profissionais das unidades educativas que atuavam nas redes públicas de Educação Infantil que aderiram ao Proinfância, o Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil do Governo Federal.

Em parceria com formadoras locais¹ (membros das equipes técnicas das Secretarias de Educação em diferentes regiões do Brasil), com as gestoras das unidades educativas, coordenadoras e diretoras, este programa desenvolveu uma metodologia de formação continuada voltada ao fortalecimento das políticas públicas de Educação Infantil por meio da qualificação técnico-pedagógica do atendimento oferecido às crianças de 0 a 5 anos de idade em creches e pré-escolas. No decorrer dos dois ciclos do programa (2011-2013 e 2015-2017) os seguintes objetivos estiveram presentes:

- Implementar e/ou aprimorar ações formativas atreladas ao contexto de trabalho das profissionais responsáveis pela formação das redes de ensino, com a perspectiva de contribuir para adequar as práticas da Educação Infantil às orientações mais atualizadas para a área.
- Implantar uma comunidade de profissionais responsáveis pela formação das redes de ensino para a troca de experiências, circulação e produção de conhecimento educacional e pedagógico.

O Programa deixou explícitas desde o início as concepções de criança, desenvolvimento, ensino e aprendizagem que adota. No ciclo 1, as orientações estavam atreladas às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) e, no ciclo 2, além dessas foram incorporadas as discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No artigo 4º das Diretrizes, criança é definida como: *sujeito histórico e de direitos*,

1 - É muito importante a presença de homens como professores na educação, mas considerando que 90% das profissionais que participaram do PEI eram do sexo feminino, optamos no documento por usar o gênero gramatical feminino para designar o conjunto de mulheres e homens.



*que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.*²

A BNCC repete, no capítulo 3, específico sobre Educação Infantil, as concepções gerais apontadas nas DCNEI. Sobre estas bases se assentam as orientações da BNCC para esta etapa do ensino.

O Instituto Avisa Lá entende que, para colocar em prática um documento oficial, há que se desenvolver estratégias de formação continuada reflexivas que, a partir da escolha de focos pedagógicos bem precisos, possa ir transformando de imediato a prática. Esse foi o caminho adotado pelo PEI, que teve como prioridade duas áreas, a Pedagógica e a Gestão para Saúde e Bem-Estar. E, no bojo dessas áreas, subdivisões internas ajudaram a focar mais ainda a proposta. No pedagógico, o brincar e a aproximação com a leitura e escrita foram as temáticas ressaltadas.

O programa se desenvolveu de forma híbrida, com ações presenciais e a distância, e foi composto por uma cadeia formativa que envolveu a equipe do Instituto Avisa Lá, técnicas das Secretarias Municipais de Educação, diretoras, coordenadoras e professoras.

Fizeram parte do programa:

1. Ambiente virtual por meio do qual se desenvolve a formação a distância. Esse ambiente contém sala de reunião, área de cada município, agenda, materiais de apoio, biblioteca e videoteca.
2. Seminários presenciais na cidade de São Paulo.
3. Encontros de formação nos municípios, realizados pelas técnicas.
4. Desenvolvimento de projetos institucionais³ desenvolvidos nas unidades educativas (sob a supervisão das diretoras e coordenadoras).

2 - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), Resolução CNE/CEB nº 5/2009.

3 - Os projetos institucionais desenvolvidos pelos municípios em parceria com a equipe do IAL foram referentes aos conteúdos tratados. Esse tipo de projeto tem como intenção promover mudanças organizacionais e envolve os diferentes atores das unidades educativas, possibilitando, desse modo, transformações no planejamento e intervenções com as crianças, no espaço físico, na rotina de cuidados e na relação com as famílias



5. Observação da prática e supervisão local
6. Documentação do programa em diferentes níveis
7. Avaliações internas e externas.

O programa considerou desde o início que a equipe técnica, assim como as coordenadoras pedagógicas e diretoras das unidades, eram agentes formadoras. Cada unidade de Educação Infantil, por sua vez, buscou se transformar em espaços de formação permanente das professoras e das profissionais de apoio.

Partiu-se do princípio que educar a criança significa envolvê-la em experiências com sentido e significado, acreditando na sua potência e nos múltiplos recursos intelectuais, sensoriais, afetivos por meio dos quais busca expressar o seu pensamento e emoções. Foi dada uma atenção especial à organização do espaço, às propostas de atividades e à gestão do tempo que são reveladoras das concepções de criança, de ensino e aprendizagem adotadas pelas profissionais das unidades educativas. As mudanças não podem ser superficiais, mas profundas, o que somente uma formação continuada com muito espaço para refletir a prática pode dar conta.

Os processos avaliativos pelos quais o PEI passou desde 2011 possibilitaram o aprimoramento constante do programa. No ano de 2013, foi realizada uma avaliação externa pela Move Social⁴, com 19 municípios da Bahia participantes do primeiro ciclo de formação (2011-2013)⁵. A partir das evidências colhidas nesse processo, foi possível analisar os impactos gerados pela formação desenvolvida pelo programa e projetar novas ações para mais um ciclo de parceria com novos municípios (2015 a 2017).

Em 2015 foram selecionados outros 20 municípios, dessa vez distribuídos pelas cinco regiões do Brasil. A seleção estabeleceu como critério a existência de creches do Proinfância em funcionamento comprovado. Foram feitas visitas para selecionar os municípios com mais potencial para seguir com as exigências do processo de formação. Decorrente da avaliação externa, optou-se por envolver os secretários de educação desde o início da formação. Tornou-se

4 - Grupo de profissionais que apoia organizações públicas e privadas na ampliação e qualificação dos impactos social e ambiental de suas ações.

5 - Dezoito municípios finalizaram o projeto no primeiro ciclo, dos quais um foi desligado pelo não cumprimento dos acordos iniciais. Seu substituto também não completou as atividades.



condição para a inserção no programa a presença de todos os secretários no primeiro seminário em São Paulo para conhecer os princípios, ações do trabalho e formalizar uma parceria entre o Banco Santander, o Instituto Avisa Lá e as Secretarias Municipais de Educação por meio da assinatura de um termo de cooperação.

Na segunda edição do PEI, também em decorrência da avaliação, foram introduzidas visitas aos municípios pela equipe do IAL, durante o processo formativo, com o intuito de conhecer como o trabalho realizado pelas formadoras locais com suas equipes vinha ocorrendo e visitar as escolas participantes para observar e refletir sobre os reflexos gerados pela formação.

Outro modo de acompanhamento dos municípios foi a realização de avaliações processuais focadas em cada conteúdo eleito. Para tanto, o projeto institucional elaborado pelas unidades educativas foi o ponto de partida para a análise do envolvimento dos diferentes sujeitos da formação (formadoras locais, diretoras, coordenadoras pedagógicas, professoras, crianças e equipes de apoio).



1 - CUIDAR, UMA AÇÃO EDUCATIVA

1.1 - Integrando cuidar e educar



Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos e familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula **educar e cuidar**, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. (Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, citada na página 35 da BNCC)

A complexidade de integrar cuidar e educar, de compartilhar a criação, o desenvolvimento e a educação de crianças tão pequenas requer, na Educação Infantil, adultos que saibam observá-las para compreendê-las. Professoras e demais profissionais que brinquem com elas, que organizem ambientes seguros e desafiadores, que assegurem condições básicas de higiene, alimentação e acolhimento afetivo, possibilitando um desenvolvimento saudável e a criação de vínculos de afeto e confiança. O cuidado, parte integrante da Educação Infantil, não se limita às questões físicas, embora elas devam acontecer da forma mais adequada possível.

Cuidar de outra pessoa, no sentido mais significativo, é ajudá-la a crescer e realizar-se. É uma forma de relação com o outro que envolve uma atitude de preocupação com o crescimento e desenvolvimento da pessoa humana em toda a sua complexidade. (MAYEROFF, 1990)

Aportes da formação

Para o seminário presencial solicitamos com antecedência a leitura do texto *O cuidado: o paradigma ético da nova civilização*, de Bernardo Toro. Socializamos no encontro as reflexões sobre o significado do cuidar que embasaria o PEI.



Na Educação Infantil, há diversas situações em que a professora atua muito próximo das crianças e mesmo individualmente com elas. A troca de fraldas, o desfralde, a ida ao banheiro e diversas situações cotidianas, como vestir, assoar o nariz, tomar água e fazer as refeições, são ótimas oportunidades para assegurar tanto a atenção individual como o ensino de hábitos que garantem a saúde. Dessa forma, as crianças aprendem a cuidar de si mesmas, uma aprendizagem fundamental para toda a vida. Portanto, os cuidados cotidianos precisam ser planejados e devem contar com protocolos de procedimentos adequados.

Além das questões afetivas e culturais, existem também os imperativos biológicos, uma vez que os ambientes coletivos são mais sujeitos à proliferação de doenças e os pequenos são suscetíveis a elas, pois estão construindo seu sistema imunológico. Práticas cotidianas adequadas podem fazer muito para reduzir a incidência de doenças nas escolas e creches.

Entre as medidas de prevenção, o PEI elegeu como foco de ação no primeiro ano de formação o lavar as mãos. Todos os profissionais das unidades participantes precisariam incorporar esse hábito, com os procedimentos corretos empregados de forma sistemática, e as crianças deveriam por sua vez aprender como proceder. O programa também incentivou a aprendizagem dos procedimentos para assoar o nariz, hidratar-se, aprender a servir-se às refeições.

O objetivo, além das questões de saúde é demonstrar de forma visível como as crianças pequenas podem ser capazes e competentes para cuidarem de si. Mais do que aprender hábitos saudáveis, elas ganham em autonomia e autoestima, pois percebem-se capazes de realizar tarefas que veem os adultos realizando. As situações dos cuidados também possibilitam que as crianças se conheçam melhor, aprendam sobre seu corpo, suas preferências e o que necessitam para obter conforto, se autorregular e se sentir bem. E nesse sentido auxiliam a construção da identidade.

Segundo a BNCC, entre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil está:



Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.



Tudo está interligado. Portanto, uma gestão para a saúde e bem-estar precisa cuidar das rotinas e procedimentos de cuidados, da forma como os ambientes estão organizados, arejados, de uma alimentação saudável em ambiente agradável, de estabelecer relações de acolhida e segurança emocional. Por essa razão, esses temas foram objeto da formação já que contribuiriam para criar condições saudáveis para o desenvolvimento integral das crianças⁶.

Outra temática imbricada nas questões do cuidar e educar é a relação com a família. Por esse motivo, o PEI deu atenção especial a essa instituição. Para a concretização de uma proposta envolvendo os cuidados, foi necessário que os familiares estivessem envolvidos, que participassem, trouxessem seus conhecimentos e compreendessem as ações.



Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BNCC, p. 35)

1.2 - Equipes que cuidam e educam

No Programa de Educação Infantil Santander (PEI) os cuidados são considerados como ações educativas, isto é, concernem tanto às equipes técnicas como às diretoras, coordenadoras, às professoras e a todo o pessoal de apoio. Os conteúdos desta área pressupõem uma gestão que garanta, além do ambiente saudável, uma rotina de cuidados adaptada às peculiaridades das diversas faixas etárias da Educação Infantil e, tal como os demais conteúdos, necessita de planejamento por parte das professoras e, também, de planejamento institucional das gestoras e equipes técnicas.

⁶ - Conheça os artigos da seção “Jeitos de cuidar”, da *Revista Avisala Lá*, que abordam os aspectos citados aqui. Disponível em: <http://avisala.org.br>



Pelo levantamento inicial solicitado pelo PEI e feito pelas formadoras locais, foi possível detectar que os municípios participantes, em geral, contavam em seus quadros de funcionários com psicólogas, nutricionistas e, algumas vezes, enfermeiras, que atuavam em setores como Alimentação Escolar, na Educação Especial e eram, por vezes, responsáveis pelo Programa Saúde na Escola (PSE). Essas profissionais eram responsáveis pelo acompanhamento e supervisão de ações ligadas aos cuidados nas escolas e creches e muitas vezes observavam a necessidade de investir em formação continuada das professoras e equipes. Porém ainda eram atividades esporádicas, sem um foco e estratégias bem definidas. Muitas delas atuaram como formadoras locais no programa, já que, para cuidar e educar com qualidade, é imprescindível mobilizar conhecimentos interdisciplinares.

Ainda assim, cerca de 50% das formadoras locais atuando na área de Gestão para a Saúde e o Bem-Estar do PEI eram pedagogas que atuavam na educação. A possibilidade de interlocução entre profissionais de diferentes áreas de conhecimento enriqueceu em muito os diálogos estabelecidos no percurso da formação.

Uma equipe que teve destaque especial no PEI foi a formada pelas chamadas profissionais de apoio, que em geral são pouco reconhecidas em suas atividades, tidas muitas vezes como menos importantes. Na formação de Gestão para Saúde e Bem-Estar procuramos colocar essas profissionais a par das concepções sobre criança, ensino, aprendizagem e naturalmente todos os procedimentos necessários às boas práticas de cuidados.

No programa, elas foram convidadas a atuar de acordo com os protocolos de limpeza e higiene mais atualizados, mas, também, em ações que dessem maior visibilidade às novas orientações relativas ao bem-estar. Por exemplo, as responsáveis pela limpeza foram incentivadas a compor uma estética diferenciada na organização dos refeitórios. Já as merendeiras, ficaram responsáveis, por exemplo, pela apresentação dos pratos e por compor uma organização mais cuidada das bancadas do *self service*.

Com essas ações, nesse desenho de formação que incluiu de maneira estratégica diferentes atores, a área da Gestão para a Saúde e Bem-Estar do PEI atuou na perspectiva de ajudar a fortalecer, em cada município envolvido, uma rede para a garantia dos direitos das crianças.



1.3 - Colocar em prática – projeto institucional e plano de ação

Para colocar em ação novas atividades, sejam ligadas aos cuidados ou a qualquer outro conteúdo, uma das estratégias utilizadas na formação é o desenvolvimento de planos de ação e ou projetos institucionais, pois estes partem de boas situações-problema, que precisam ser resolvidas pela equipe.

Os chamados planos de ação são bons para implantar procedimentos mais focados e pontuais, como, por exemplo, a lavagem das mãos, a aprendizagem dos cuidados com o nariz e a prática da hidratação diária. Os projetos institucionais, pela sua abrangência, envolvem mudanças organizacionais mais profundas, diferentes atores das unidades educativas e da comunidade, e possibilita transformações nas rotinas de vários setores, como cozinha, abastecimento, compras, limpeza e espaço físico.

O êxito dos planos e projetos está centrado em um trabalho de negociação, elucidação e apoio mútuo entre a equipe, de forma a priorizar ações coletivas. Dessa maneira, há um espaço favorável para o debate aberto e fundamentado das ideias que circulam na instituição.

A criação e o desenvolvimento dos planos e projetos estão relacionados com as possibilidades de observação das práticas realizadas nas unidades educativas, ou seja, é preciso inicialmente olhar para o que acontece no chão das escolas e, a partir disso, extrair o foco de trabalho, identificar as necessidades e possibilidades de intervenção. O PEI estimulou as visitas às escolas para que as formadoras locais, por meio das observações, identificassem quais seriam as principais ações.

Para tratar das questões encontradas nos diferentes municípios, as reuniões on-line do PEI foram espaços importantes de reflexão. Em uma delas, por exemplo, foi tematizado um vídeo que demonstrava a dificuldade das relações entre a professora e uma criança na hora da lavagem das mãos. A identificação dos problemas retratados nos diagnósticos colaborou muito para que os projetos institucionais e ou planos de ação sustentassem ações reais relacionadas com a reorganização dos tempos, espaços e materiais para os novos procedimentos em relação aos cuidados.



2 - LAVAR AS MÃOS, UMA ATITUDE ÉTICA



Guarapari (ES)



Imperatriz (MA)

Entre os campos de experiência apresentados na BNCC (p. 33), o primeiro deles, “O eu, o outro e o nós”, pontua que:

Ao mesmo tempo que participam das relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem a sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de independência com o meio (...).

Nossa unidade promove, de fato, a saúde das crianças dispensando cuidados adequados e ensinando o autocuidado? Essa pergunta orientou as ações durante toda a formação. Para iniciar os trabalhos, optou-se por um foco bem explícito, que tornasse visível a ação na prática. Entre os cuidados primários de saúde, sabe-se que lavar as mãos pode evitar 80% das doenças infecciosas. Dessa forma, investir nesse conteúdo não foi uma questão irrelevante, mas, sim, uma atitude ética e também uma prioridade. Essa ação implicou diretamente toda a comunidade escolar, as famílias incluídas, as equipes técnicas, gestoras, pessoal de apoio e,



principalmente, as professoras, que executam e ensinam os procedimentos e monitoram as rotinas das crianças.

Ensinar e fortalecer as práticas e rotinas do cuidado de si é uma das grandes contribuições feitas pelo sistema de educação para a economia dos países (o que não é publicamente valorizado) e dentro do novo paradigma ético é uma contribuição fundamental para a espécie humana. (TORO, 2009)

Noções básicas sobre cuidados, higiene pessoal e do ambiente, portanto, deveriam fazer parte do currículo de formação dos profissionais da educação e não só do pessoal de apoio das unidades e dos especialistas de saúde. Para mobilizar a introdução do assunto na formação, além das questões de concepção de cuidados e ética, por ocasião do primeiro seminário presencial na cidade de São Paulo foi organizada uma visita ao Museu de Microbiologia do Instituto Butantan⁷. Foi impactante para muitas educadoras ver os micróbios nos microscópios. Isso auxiliou a colocar o tema como prioridade.

Conhecer os procedimentos de higiene das mãos e incluir essa ação no cotidiano de trabalho não só promove a melhoria da saúde das crianças como também protege os profissionais. Se os adultos podem aprender lendo textos, ouvindo palestras e adotando procedimentos adequados, com as crianças é diferente. Elas não aprendem a lavar as mãos com aulas expositivas, muito menos com “teatrinho de fantoches” ou colorindo desenho mimeografado de sabonete, toalha e pia. Com as crianças, trata-se de construir hábitos de higiene, e isso se faz na situação concreta e cotidiana, ou seja, na pia com água, sabão e a toalha de papel ou individual. Os ambientes coletivos são lugares de múltiplas interações e os pequenos aprendem muito ao observar os pares e também na interação com os adultos.

Se as crianças incorporam rapidamente os procedimentos, a mudança de hábitos dos adultos representa, em geral, um desafio bem maior, e disso depende o sucesso da proposta, afinal as professoras são referência para as crianças. Além de reconhecerem que a higiene das mãos de quem cuida é fundamental para interromper a cadeia de transmissão de grande parte das doenças que ocorrem na infância, compreender alguns conceitos da microbiologia pode ajudar

7 - Site <https://www.institutobutanta.com.br/museu-de-microbiologia-do-instituto-butantan>



a reforçar a incorporação do procedimento correto das professoras e demais profissionais.

Para aquelas que atuam diretamente com os bebês, a lavagem correta das mãos é ainda mais importante. Lavar as suas próprias mãos, sempre, depois de cada troca e antes e depois de dar as refeições é a orientação correta. Enquanto os bebês não possuem a coordenação necessária para realizar os gestos de lavagem das mãos, é o adulto quem realiza essa ação com eles. Mas é necessário aos poucos ir convidando o bebê a participar do ato para que ele aprenda e incorpore os procedimentos.





2.1 - Diagnóstico de cada município

Para escolher um bom foco de ação para os planos e projetos além do conhecimento e para a decisão sobre a temática em questão, é imprescindível partir de um bom diagnóstico.

Um diagnóstico possui o objetivo de gerar informações úteis para direcionar e fundamentar procedimentos para viabilizar a melhoria da qualidade de atendimento às crianças e da prática dos profissionais que atuam nas instituições. Na formação, o diagnóstico serve para identificar os pontos fortes das equipes, os saberes já construídos por elas e aqueles em que será preciso ter maior investimento formativo. O diagnóstico de cada instituição dá o tom da individualidade necessária ao desenvolvimento da formação. (CARVALHO, KLISYS, AUGUSTO, 2006, p. 103)

O diagnóstico é visto como uma ferramenta básica para a construção de um olhar sensível e pensante, que valoriza os pensamentos da comunidade escolar. O exercício de aprender a diagnosticar foi feito por meio de um questionário enviado pelo PEI, tanto para que as formadoras locais observassem a realidade do município, como para que as gestoras voltassem o olhar para as práticas da sua unidade educativa. Refletir sobre os diferentes modos de diagnosticar a realidade para priorizar uma demanda estratégica que modifique algumas práticas foi e é um dos objetivos da proposta.

Foi necessário discutir e trabalhar a intencionalidade e o foco desse diagnóstico logo nos primeiros encontros de formação e nos seminários presenciais, pois foi com esse instrumento que as formadoras elaboraram, com a ajuda da equipe do IAL, os projetos de ação mais adequados a cada realidade.

Munidas de reflexões mais conceituais e técnicas sobre o cuidar, as formadoras locais puderam, ao voltar para seu município de origem, mergulhar na ideia de iniciar um diagnóstico sobre como acontecia a lavagem de mãos de toda a comunidade escolar. Algumas perguntas ajudaram a orientar o trabalho:

Aportes da formação

Observação nas unidades educativas da rede

- Descreva se existem e em que estado estão os equipamentos e ou acessórios (pias, tor-



neiras, espelho, dispensadores de sabonete e papel).

- Caso a unidade conte com esses equipamentos, estão na altura das crianças?
- Há sabonete líquido junto às pias?
- Os frascos e dispensadores de sabonete líquido são fáceis de usar, ajudando a criança em sua ação?
- As toalhas são individualizadas ou de papel?
- Os profissionais conhecem os procedimentos corretos de higiene das mãos e os realizam em seu cotidiano, ensinam para as crianças?
- Como as crianças se dirigem ao lavatório? Individualmente? Em grupo?
- Filme uma situação no lavatório e analise: como é a comunicação da professora com as crianças neste momento?

No levantamento feito para o diagnóstico, muitas formadoras locais observaram problemas de infraestrutura ou de procedimentos inadequados. Em alguns casos, havia pouca quantidade de pias para o número de crianças; em outros, a altura não atendia os pequenos, havia falta de espelhos ou estavam em uma altura excessiva e, caso grave, uma única toalha de pano era usada de forma coletiva.

Em muitos lugares os frascos de sabonete líquido, quando existiam, ficavam nas salas dos grupos e não junto às pias, tal como encontramos socialmente nos espaços públicos e privados. As formadoras também observaram diversas situações em que a professora realizava a lavagem das mãos pelas crianças, de forma mecânica e apressada. Quando davam alguma orientação, dirigiam-se ao grupo e não a cada uma. Estas atitudes revelaram as concepções assistencialistas e centradas nos adultos acerca dos cuidados, das crianças e sobre o papel da professora nesse momento da rotina.

Vir à cidade de São Paulo no seminário visitando instituições como o Museu de Microbiologia e voltar ao município para fazer as formações exigiu adaptações das formadoras locais como vemos abaixo:

Direto da prática do município

Não tínhamos na cidade um museu de microbiologia, portanto o jeito foi utilizar os



recursos locais. No laboratório da escola, a professora de Ciências nos contemplou com uma linda explanação sobre os micro-organismos presentes no ambiente em geral e realizou a coleta de micro-organismos das mãos (algumas higienizadas e outras sujas). Foram disponibilizados os microscópios para observação dos micro-organismos em água suja e após a introdução do hipoclorito de sódio. Ficou combinado que a professora fará o acompanhamento da evolução das coletas e disponibilizará fotos no ambiente virtual que estará pronto na próxima semana.

Nutricionista – Gramado (RS)

Foram inúmeras as ações desencadeadas pelas formações locais a partir das orientações iniciais do seminário, das reuniões on-line mensais e das devolutivas das consultoras de saúde do IAL. Dicas simples como os cartazes com os procedimentos de lavagem das mãos socializados no seminário e levados para os municípios foram lembretes importantes, que ajudaram a construir conhecimento sobre os procedimentos. Muitas unidades elaboraram cartazes com fotos das próprias crianças, o que gerou o sentimento de pertencimento e contribuiu para a estética dos lavatórios. (Vide anexo 1 – “Projeto Institucional para a implantação de procedimentos para lavar as mãos.”)



3 - Assoar o nariz com autonomia

Dentre os autocuidados sobre os quais o PEI lançou luz e desenvolveu uma formação específica, estiveram as práticas de limpar e assoar o nariz em ambiente coletivo. Os procedimentos envolvidos têm a ver com a autoestima, com saber se cuidar, mas também visam apoiar a não proliferação de doenças respiratórias.

Aportes da formação

No segundo seminário na cidade de São Paulo, para iniciar a conversa sobre os cuidados com o nariz e a prevenção das doenças respiratórias com a equipe responsável no PEI por implantar as novas práticas de saúde dos municípios, apresentamos o texto “Olha este vento nas costas, menino!”, do médico Drauzio Varella (<https://drauziovarella.com.br/drauzio/olhe-esse-vento-nas-costas-menino/>). A linguagem coloquial e ao mesmo tempo embasada cientificamente foi um acerto.

Gripes, resfriados e outras infecções respiratórias são doenças infecciosas, provocadas por agentes microbianos, que têm predileção pelo epitélio do aparelho respiratório. Quando eles se multiplicam em nossas mucosas, o nariz escorre, tossimos, temos falta de ar e chiado no peito. A presença do agente etiológico é essencial; sem ele, podemos sair ao relento na noite mais fria, chupar gelo o dia inteiro ou apanhar um ciclone nas costas sem camisa, que não acontecerá nada, além de sentirmos frio.

A maior incidência de infecções respiratórias nos meses de inverno é explicada simplesmente pela tendência à aglomeração em lugares com janelas e portas fechadas para proteger do frio. Nesses ambientes mal ventilados, a proximidade das pessoas facilita a transmissão de vírus e bactérias de uma para outra.

A discussão no seminário foi muito boa. Praticamente em nenhum município havia procedimentos corretos. Em muitos deles, a tendência de fechar todas as janelas no inverno



era comum. Outra prática relatada contava da professora com um rolo de papel higiênico no avental, de onde ela retirava um pedaço de papel, fazia ela mesma a limpeza do nariz da criança e em seguida o descartava provisoriamente dentro do próprio rolo. Nem ela nem as crianças higienizavam as mãos. Proliferação total de vírus! A tarefa de casa das formadoras foi elaborar um diagnóstico sobre o tema para embasar um novo plano de ação.

Além de arejar os ambientes e higienizá-los corretamente foi necessário introduzir algo tão prosaico como assoar o nariz. Aprender a assoar o ar pelas narinas é algo que se ensina para as crianças pequenas. Em geral, fazemos isso com os bebês, sem nos darmos conta. Mas é preciso que as professoras ensinem também os maiores a assoar com uma narina de cada vez, assim a ação é muito mais eficaz, pois, a pressão é maior. Nos bebês, que ainda não realizam as ações sozinhos, é preciso que a professora faça por eles o procedimento de limpeza. Mas assim que vão tendo a necessária coordenação e o interesse, é hora de começar a ensinar a usar papel macio quando forem assoar, com delicadeza para não irritar a pele, e a lavar as mãos depois, ou então a passar álcool gel⁸.

3.1 - O diagnóstico de cada município

No diagnóstico elaborado pelas formadoras locais, notou-se que muitas crianças maiores tinham dificuldade em perceber que precisavam assoar o nariz. O PEI sugeriu a organização de um canto nas salas planejado pelas professoras, gestoras e pessoal de apoio. Os materiais necessários foram adquiridos: papel macio, álcool gel, lixeira de pedal e espelho na altura das crianças. Em alguns casos, os materiais estavam apoiados em cima de uma pequena mesa ou outro suporte. Para as crianças menores de 3 anos, é bom que o papel já esteja cortado, o que as ajuda a ter mais sucesso em sua ação. O uso do álcool gel com crianças menores de 3 anos deve ser restrito, pois elas podem ingeri-lo.

Foi preciso também orientar e supervisionar o pessoal da limpeza sobre a higienização e a reposição dos materiais. A secretaria, as gestoras e os familiares foram envolvidos, uma vez que se desenvolveu uma nova rotina e muitas mudanças foram necessárias (vide o projeto anexo).

⁸ - Pode-se fazer uso do álcool gel desde que as mãos sejam lavadas com água e sabão logo que possível.



Os momentos de cuidados são ótimas oportunidades para um relacionamento mais individualizado entre a professora e a criança. Quando se explica o que se espera dela em relação aos procedimentos de higiene ou se explica o que está sendo feito, no caso das crianças bem pequenas, é uma atitude de respeito. As filmagens das situações que envolvem os cuidados podem ajudar que as equipes reflitam não só sobre as questões materiais, mas também sobre os relacionamentos entre as professoras e as crianças.

3.2 - A prevenção das doenças respiratórias

As crianças adoecem mais quando começam a frequentar as creches. Essa é uma afirmação recorrente. Será que as redes de ensino possuem isso mapeado para que afirmem com certeza que isso ocorre? Se esta é uma realidade, quais medidas podem ser tomadas, além da lavagem das mãos, para reduzir os riscos de contaminação?

Um auxílio importante é promover o registro e a análise das intercorrências de saúde nas unidades educativas. Por exemplo, no inverno as infecções das vias aéreas superiores (Ivas) tendem a aparecer com mais frequência. As gripes, resfriados e demais afecções contagiosas não são causadas pela friagem, correntes de ventos, mas sim por agentes infecciosos, ou seja, os vírus.

Pesquisas comparativas demonstraram que pessoas mantidas em ambientes aquecidos e totalmente fechados adoeciam mais do que aquelas que foram expostas ao vento e às intempéries. Os vírus se propagam no ambiente pela saliva, pelo muco, objetos e mãos mal lavadas. Não só as Ivas, mas também as diarreias requerem procedimentos adequados em ambientes coletivos.

Portanto o PEI trabalhou na formação de medidas de prevenção para redução dessas doenças comuns. Uma delas foi a implantação de fichas para anotar as intercorrências e outra a instituição da prática correta de assoar o nariz.

Na maioria dos municípios que participaram do PEI não havia controle das intercorrências de saúde. Implantar essa ação significou um grande investimento das equipes que foram descobrindo caminhos para que isso se tornasse uma prática rotineira. As escolas elaboraram fichas para facilitar as anotações pelas professoras e solicitaram ajuda dos profissionais de saúde para analisar os dados.



Aportes da formação

Ficha mensal de intercorrências



Ficha mensal de intercorrências

Prezada diretora, registrar as informações somando as ocorrências por categoria de doenças em n° absolutos. Envie mensalmente para a supervisora a ficha preenchida.
Você está contribuindo para a redução das doenças e acidentes das crianças. Obrigada!

Nome da Unidade: _____

Mês: ____/Ano: ____

Nome do diretor: _____

Total de dias de funcionamento no mês: ____

Total de crianças matriculadas na Unidade: ____

Total de crianças matriculadas no Berçário I (0 a 1 anos): ____

Total de crianças matriculadas no Berçário II (1 a 2 anos): ____

Total de crianças matriculadas no Minigrupo (2 a 3 anos): ____

Total de crianças da turma de 4 anos matriculadas: ____

Total de crianças da turma de 5 anos matriculadas: ____

Intercorrências	Frequência de faltas			Frequência de Doenças das vias aéreas superiores		Frequência Doenças Gastrointestinais		Frequência Doenças de pele			Frequência Outras doenças infectocontagiosas		Frequência Acidentes			
	F	A	AJ	N° Grippes resfriado etc.	N° Pneumonia	N° Diarreia	N° Hepatite	P	I	S	Doenças	N°	L	MG	Local	
Berçário I																
Berçário II																
Mini-grupo																
Turma 4 anos																
Turma 5 anos																
Total de ocorrências																

Frequência de faltas

F - Faltas sem motivo de doença

A - Afastamento por motivo de doença sem atestado

AJ - Afastamento justificado, com atestado médico

Doenças de pele

P - Pediculose ou piolho

I - Impetigo;

S - Sarna ou escabiose

Acidentes

L - Leves

MG - Moderados ou graves



Constataram-se muitas ocorrências que jamais haviam sido computadas, como os casos de doenças respiratórias que apareceram em muitos municípios. Como não havia registro, não existiam ações preventivas. Compilando todos os dados enviados por 11 municípios, constatou-se, por exemplo, que de cada 100 crianças matriculadas, 37 ficaram doentes. Entre estas, 76% tiveram gripes e resfriados; 3%, pneumonia; 8%, piolho; 9%, diarreia; 1%, impetigo; e 3% outras doenças.

Foi necessário refletir sobre as causas de tantas intercorrências, quais medidas preventivas poderiam ser adotadas, assim como ultrapassar mitos e crenças de como as gripes e resfriados ocorrem, além de introduzir práticas até então inexistentes para ensinar as crianças a assoar e limpar o nariz de forma adequada.



4 - Comida e muito mais

“Inútil pensar que o alimento contenha apenas os elementos indispensáveis à nutrição. Contém substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito, alegria, disposição criadora, bom humor.”

Câmara Cascudo, em *História da alimentação no Brasil*

Na visão otimista do autor, estes imponderáveis impregnados na existência humana representam o prazer de uma refeição compartilhada. Fazem parte da história pessoal de cada um, que começa pela forma como o bebê foi acalentado e alimentado pela família. São também costumes relacionados às tradições da comunidade de origem. Constituem a identidade e o patrimônio cultural de um povo.

O homem, diferentemente dos animais, não come apenas para matar a fome. Comer é um ato social e, além de alimentar, permite compartilhar a comida e muito mais. Conversamos, convivemos, trocamos ideias, estreitamos laços afetivos e também brigamos. Comer é um ato cultural, que foi se transformando com o tempo e vem sendo permanentemente modificado. Usar diferentes utensílios, comer com as mãos, usar ou não guardanapos, forrar a mesa com toalhas ou com jogos americanos são práticas que dependem da cultura, ocasião e grau de formalidade das refeições. O importante é que o momento das refeições seja agradável, as pessoas possam conversar com quem está à mesa. Que os ambientes sejam limpos, calmos, esteticamente cuidados e que haja possibilidade de escolha das quantidades e de quais alimentos oferecidos vamos comer.

Aportes da formação

No terceiro seminário na cidade de São Paulo, para introduzir a temática da alimentação, foi lido para o grupo de formadoras a crônica “Comida de Alma”, de Nina Horta. Nesse texto, a autora diz que, quando estamos tristes, doentes ou precisando de um agrado, não queremos uma comida pesada, mas aquelas que nos ofereceram em circunstâncias parecidas.



Imediatamente, lembranças de comidas da infância afloraram e foram compartilhadas. Foi proposto, e prontamente aceito, que cada unidade elaborasse um livro de “comidas de alma” dos integrantes da equipe que contivesse as receitas mais queridas, assim como as suas histórias, seu contexto. Enfim, uma crônica particular.

Direto da prática do município

O inverno no Rio Grande do Sul, naquela época, era muito rigoroso. O minuano assoviava e até agora, quando chega, assusta. Com antecedentes italianos, principalmente do lado de minha mãe, quando voltávamos da escola, o que nos esperava para nos aquecer era uma minestra, como ela nos ensinou a chamar, ou, para os cozinheiros de plantão, minestrone.

Lislei Regina Arozi, nutricionista – Esteio (RS)

Além das questões culturais e afetivas que envolvem a alimentação, a forma como as refeições são oferecidas nas instituições educativas foi foco na formação. Alterar o jeito como os alimentos são servidos pode parecer algo simples, porém muitos conteúdos de formação estão envolvidos, entre eles a concepção de criança, como ela aprende e se desenvolve, noções da história da alimentação, nutrição, higienização de utensílios e muito mais, conforme infográfico abaixo.





4.1 - Um bom ponto de partida



Escolhendo com prazer
- Sinop, MT

O tão falado, mas pouco praticado *self-service*, ensejou em primeiro lugar uma reflexão sobre o protagonismo e a competência infantis. Foram desenvolvidos projetos institucionais para implantação do *self-service* que envolveram muitas ações e conteúdos.

Por que as crianças precisam servir-se? Um motivo é que elas estão aprendendo sobre a sua fome e a quantidade de comida que necessitam para a sua saciedade. Esta é uma aprendizagem importante que elas constroem ao se servirem com liberdade. Aprender a escolher os alimentos é outro aspecto importante da construção da autonomia. Significa também saber sobre si mesmo, sobre suas preferências. Para os adultos envolvidos no processo, são muitos os ganhos. Ceder parte do controle do cotidiano para as crianças mobiliza mudança nas concepções sobre os pequenos e também muita reorganização de espaço, rotina, circulação de pessoas no refeitório, de escolha dos utensílios, formas de servir os alimentos, alterações de mobiliário, papel das cozinheiras, auxiliares de serviço e professoras.

Implantar uma proposta de *self-service*, para as crianças a partir de 3 anos, é uma ótima situação-problema, que mobiliza todos os segmentos de profissionais na busca de soluções e possibilita discutir e avançar nos conhecimentos sobre a construção de hábitos alimentares e sobre as situações de cuidados na escola.

As escolas e creches do PEI, que antes não haviam se atentado para tantas interfaces re-



Direto da prática do município – Relato de uma observação da formadora local.

Ao chegar, a diretora me abordou, dizendo: “Sucesso, deu tudo certo. Nossa escola tem self-service!” A diretora havia ficado surpresa com o resultado do primeiro dia, pois esperava que fosse muito mais complicado. Nos preparamos para observar as crianças de 3, 4 e 5 anos no almoço. As crianças estavam muito animadas! Quando perguntei para onde estavam indo responderam:

- “A gente vai colocar comida sozinha!”

- “Eu vou comer de garfo!”

Escolhemos a primeira criança da fila, André, para observar. Ele estava muito ansioso para se servir. – “Eu vou comer de garfo... e vou comer de tudo!”

Foi incrível a facilidade que ele demonstrou em se servir do almoço. Colocou o prato na bancada e foi somente arredando para colocar os outros alimentos. Esse simples fato favoreceu o andamento da fila e ajudou as crianças a terem mais segurança ao se servir, já que o prato não estava no “ar”. O restante da fila fez o mesmo. A diretora disse que propôs esta estratégia para eles no dia anterior. Não precisou repetir!

E eu, que imaginei que a maioria iria escolher a colher, vi quase todos optando pelo garfo. Quando perguntei pela sua escolha, André disse: “É mais fácil com o garfo!” e fincou o talher no peito do frango e levou a boca. Pensei comigo mesma, “está mais que certo, imagine se fosse colher... seria bem mais difícil!”

Kely e Ana, 3ª supervisão – Brumadinho (MG)

lativas ao ato de comer, toparam o desafio. Em alguns deles, mobilizaram-se para criar uma bancada para os alimentos, juntando uma ou duas mesas. Disponibilizaram para as primeiras experiências de *self-service* aquilo que havia: talheres para servir usados na cozinha, comidas servidas em panelas. Algumas unidades recuperaram o *réchaud*⁹, há tempos encostado no canto do refeitório. No percurso da formação, compreendendo melhor o interesse da proposta, adquiriram utensílios mais adequados. As unidades participantes do programa observaram que era viável disponibilizar alternativas simples, tais como: salada de tomate servida separada da salada de alface, um arroz com cenoura e outro sem, ou ainda leite e suco no café da manhã.

9 - É importante que o *réchaud* tenha apoio para os pratos, pois as crianças precisam apoiar o prato para se servir. Este também precisa ser adequado à estatura das crianças.



As equipes, depressa, constataram uma significativa redução do desperdício de comida. Observaram que as crianças ficaram muito felizes em se servir e demonstraram competência para caminhar com seu prato (de vidro) e se sentar com os amigos. Diante desses primeiros resultados, todos ficaram animados a prosseguir. Passaram a observar sistematicamente as crianças nas refeições, envolvendo os profissionais na busca de aprimoramento.

Algumas unidades julgaram melhor servir os alimentos na mesa, bem próximo de como nos alimentamos em casa quando nos sentamos à mesa. Nesse tipo de configuração, as crianças aprendem a se servir, passar a colher ou a travessa para o colega.

4.2 - O papel da professora

As professoras, em geral, acreditam que é seu papel incentivar as crianças a comer, ou ainda, informar sobre algum aspecto nutricional dos alimentos. Essas atitudes são contraproducentes, já que o momento das refeições não deve se tornar uma aula tradicional. A construção do paladar depende mais de características pessoais, uma disponibilidade para “correr riscos”, para experimentar o que é novo e desconhecido e, também, de fatores afetivos, como, por exemplo, algo por identificação. Assim é muito provável que as crianças aprendam a comer verdura porque um amigo, ou mesmo aquele que lidera o grupo, gosta desse alimento.

A construção de um paladar eclético tem sua base nos primeiros anos de vida da criança. Se a preparação de comidas inclui a diversidade de preparos, se não é monótona, se inclui alimentos com diferentes texturas e sabores, as crianças guardarão em sua memória essas experiências gastronômicas.

E se a criança escolhe comer somente arroz, por exemplo? Isso às vezes acontece. Há crianças que são extremamente seletivas em determinados períodos da infância. O papel das professoras, longe de travar um conflito na hora da mesa, é observar e procurar comer junto para servir de modelo. O fato de a criança comer no coletivo e ter a possibilidade de escolher pode levá-la a testar outros alimentos.

Algumas professoras relatam que se sentem pressionadas pela frequente pergunta dos pais



Aportes da formação

Na reunião *on-line* com os formadores locais, analisamos uma imagem do refeitório do Convento de Cristo, em Portugal (1536). Uma enorme mesa ladeada por bancos nos fez lembrar que as refeições religiosas pressupõem o silêncio e o recolhimento. Lembramos que agradecer os alimentos com preces também são práticas das instituições religiosas.

Essas reflexões nos remeteram à história da Educação Infantil no Brasil, ligada às igrejas e congregações religiosas. Inquietamo-nos. Em que medida, ainda, somos herdeiros desse passado?

Direto da prática do município

Mobilizadas pelas formadoras locais, as professoras reeditaram o que aconteceu com elas no seminário introdutório das questões da alimentação nas unidades educativas e permitiram que as crianças conversassem às refeições.

Observo que as crianças conversam assuntos do seu cotidiano: sua brincadeira preferida, passeios que fizeram com a família, o que fazem em casa ou o que aconteceu na sala, falam que a comida está gostosa...

Darci, gestora da Creche Caminho do Mar – Teixeira de Freitas (BA)

sobre se as crianças comeram bem. Os pais precisam, de fato, saber se a criança comeu bem, pois em casa darão continuidade aos cuidados. É uma pergunta legítima e a unidade pode organizar meios para mantê-los informados.

Entre as aprendizagens mais importantes que ocorrem no refeitório está a cultura do convívio em torno da mesa. Assim, as professoras podem, simplesmente, se sentar com as crianças e conversar, enquanto todos se alimentam, sobre assuntos diversos do cotidiano que lhes interessam.



Campo Alegre - AL

4.3 - Organização e estética dos refeitórios

Comemos com os olhos, diz o ditado popular. Sendo assim a forma com os alimentos são apresentados, a estética do refeitório, a suavidade e calma do ambiente são fatores decisivos para uma boa alimentação.

Em geral, nos refeitórios escolares há mesas compridas pesadas, bancos desconfortáveis que dificultam a circulação e as conversas. É curioso constatar que, muitas vezes, as mesas, mesmo quando pequenas, para quatro crianças, são dispostas em longas fileiras, alinhadas por bancos, reproduzindo uma estética de convento. Em muitos casos, o mobiliário é muito alto para os pequenos da Educação Infantil, dificultando ainda mais o conforto.



O que dizer da falta de cuidado com os utensílios de plástico, de difícil higienização? São mais indicados canecas e pratos de vidro resistente e talheres de aço inoxidável, tais como facas, garfos e colheres. As mesas menores, para quatro ou seis crianças no máximo, são mais adequadas quando a intenção é promover interações de qualidade entre elas. Assim como os utensílios precisam ser cuidadosamente escolhidos, uma boa organização do mobiliário do refeitório criará um bom clima de convivência, tranquilo, sem atropelos ou acidentes.

Refeitórios lotados, barulhentos devem ser evitados. Contribuí muito para o clima das refeições, organizar a rotina de acesso dos grupos ao refeitório, com 15 ou 10 minutos de diferença. Assim, cada grupo pode se servir antes da chegada dos outros.

As produções das próprias crianças podem participar da estética do refeitório, isso faz com que elas se sintam fazendo parte da vida da unidade educativa e, é claro, também valorizadas. Os desenhos e pinturas das crianças têm uma expressividade peculiar, revelam seus pensamentos e sua forma de compreender o mundo.

Direto da prática do município

Nas unidades dos municípios do PEI, após o diagnóstico, foi observado que as paredes dos refeitórios eram decoradas com pinturas de imagens veiculadas pela grande mídia e, quando não, com imagens de legumes com atributos humanos, olhinhos, mãozinhas. Além da estética empobrecida, estereotipada, eram, sobretudo, desenhos de adultos; por vezes, eram os de uma professora da unidade, tida como mais habilidosa, que mereciam o destaque.

Mas, diante dessas reflexões, as formadoras locais iniciaram um processo que incentivou a aparecer nos refeitórios das unidades murais com exposição das produções infantis.

Mas, para mexer com as concepções estéticas, é importante abrir horizontes, propondo uma ampliação cultural.



Aportes da formação

O percurso da formação foi acompanhado, sempre, de momentos de ampliação cultural. Trechos de um filme no qual fazer uma refeição tem muitos significados, uma tela com natureza-morta, uma fotografia de uma mesa posta para receber bem os comensais, uma música que em geral as formadoras não conheciam. Relacionados ao conteúdo da reunião, serviam de convite à apreciação estética e às impressões e leituras pessoais. Essa forma de iniciar os encontros, proposta pelo PEI, foi logo incorporada pelas formadoras dos municípios, que relataram que esses momentos eram aguardados com ansiedade pelas gestoras nas reuniões de formação locais.

Para encantar, para relatar uma história, para chocar, provocar sentimentos, reações, reflexões, os objetos culturais trazem elementos que deleitam ou inquietam. São outros modos de se relacionar, de viver e, por isso, ampliam o olhar sobre a nossa própria experiência.

Entusiasmadas com o que estavam vivenciando na formação do PEI, as formadoras¹⁰, investiram na estética das mesas e na apresentação dos alimentos nos lanches servidos nas reuniões de formação.

10 - Conheça outra maneira de organizar os lanches na formação no artigo “Café com aroma de literatura” – *Revista Avisa lá*, nº 69.



Cada um trouxe uma xícara da sua casa para enfeitar a mesa do lanche. Brumadinho (MG)

4.4 - Os bebês e a alimentação

A alimentação de bebês em ambientes coletivos necessita atenção especial. Da mesma forma que o desenvolvimento das crianças no primeiro ano de vida avança em etapas significativas, o que as instituições educativas oferecem para elas deve mudar a cada ciclo. A rotina, o mobiliário, a forma com que se propõem as refeições, bem como os utensílios utilizados e a consistência das comidas vão variar bastante ao longo desse período, exigindo flexibilidade, observação acurada e planejamento por parte de toda a equipe.

Os bebês por volta dos 8 meses se interessam pela colher e já são capazes de pegar alguns



alimentos com os dedos em pinça e levá-los à boca. Essa pequena autonomia em relação a sua alimentação crescerá bastante nos primeiros anos de vida. Se permitirmos que as crianças participem ativamente e possam escolher, sem pressão para que comam isso ou aquilo, servir-se fará com que elas se alimentem melhor.

Para as crianças pequenas, o momento de se alimentar está intimamente relacionado aos aspectos afetivos. Elas estão se constituindo enquanto sujeitos, um intenso processo que ocorre na relação com o adulto que cuida delas. Assim, a sua postura, o seu toque, o olhar nos olhos, as palavras que são ditas e como responde às manifestações dos bebês são profundamente significativos e ajudam a criança neste processo.

Nos espaços de atendimento coletivos, os momentos dos cuidados são essenciais para promover uma relação mais estreita entre a educadora e as crianças. O banho, a troca e as refeições dos bebês são situações de encontro e, nesse sentido, não podem ser apressados, muito pelo contrário: todo tempo de qualidade passado com as crianças significa ganho para elas em seu processo psíquico.

Assim, é importante planejar para que as crianças do berçário 1 (na maioria dos municípios até 1 ano e seis meses) possam ser alimentadas individualmente. Como elas, nessa idade, têm ritmos muito diferentes, é possível organizar o grupo de forma que aquelas que têm fome mais cedo possam comer primeiro. Enquanto isso, as demais estão na sala com a outra educadora, brincando ou dormindo. Essa é uma organização que respeita as necessidades biológicas particulares de cada criança. Para ela significa que é aceita e acolhida.

Aportes da formação

Alguns municípios do programa enviaram filmes das crianças pequenas sendo alimentadas para analisarmos. Em um deles, observamos que, apesar de não haver choro ou confusão, alguns bebês ficavam esperando muito tempo enquanto outros comiam, em uma posição de passividade e espera. Às vezes, a professora dava uma colher para a criança se “distrair” um pouco, mas elas não tinham ainda a coordenação necessária para levá-la à boca, gerando um sentimento de incompetência.



Além disso, estavam mal acomodadas nos cadeirões. Em alguns deles, a educadora estava de pé, o que significava que a criança deveria olhar para cima para vê-la. Vimos que algumas crianças pareciam estar com sono. Essas situações nos preocuparam, ainda mais quando observamos que as educadoras não conversavam com as crianças.

Uma das reuniões on-line foi dedicada especificamente ao tema. O papel das gestoras apoiadas pela equipe técnica recebeu atenção especial, com subsídios do PEI, textos e vídeos no ambiente do programa.

Se o ponto fundamental da alimentação é a relação, um aspecto que nos parece importante é que os bebês menores sejam cuidados e alimentados sempre pela mesma professora – a professora de referência. Isso possibilita conhecer mais profundamente cada criança e, assim, responder de maneira mais precisa às suas manifestações.

Precauções quanto ao cadeirão

As crianças passarão para o cadeirão apenas quando já tiverem conquistado a postura sentada por si mesmas, isto é, entre 9 e 12 meses. Antes disso, podem ser alimentadas no colo. Caso contrário, elas podem ficar muito desconfortáveis e as mãos ainda não estão liberadas para que participem ativamente da refeição.

Outro aspecto importante, se o foco é a relação, é que a professora se sente para oferecer a comida. Assim, os olhares se encontrarão e ela poderá compreender como está sendo a experiência para a criança. Além do que, a professora ficará mais disponível e bem acomodada.

Para as crianças que já se sentam, na mesinha ou no cadeirão, pode-se providenciar comidas que elas possam pegar com as mãos. Tirinhas de cenoura bem cozidas, pedaços de brócolis, batatas são bons exemplos. Também informar sobre o que está no prato possibilita que elas aprendam sobre suas preferências alimentares. Estas ações possibilitam que as crianças participem ativamente desse momento e construam autonomia.



Falar com crianças pequenas representa um bom desafio para as professoras. Conversar sobre a comida, descrever o que a professora percebe sobre a criança, falar sobre algo que aconteceu antes ou que virá depois são boas dicas para iniciar este diálogo. Quando falamos com os bebês e aguardamos suas respostas, nós os inserimos em nossa cultura e os reconhecemos como pessoas.

E as crianças se comunicam intensamente com seus gestos, olhares, postura. E, quanto mais os adultos respondem coerentemente às manifestações das crianças, mais elas vão se comunicar. As crianças muito passivas devem ser objeto de preocupação e reflexão por parte da equipe.

Estas ações podem parecer muito difíceis de serem implantadas. Para desconstruir as práticas há muito tempo vigentes nos berçários quanto à alimentação das crianças, é preciso estudar bastante e construir um olhar para o que acontece neste momento da vida escolar. Buscar soluções para os problemas que se observam junto com as professoras é essencial, e os gestores podem elaborar um projeto institucional, planejando as mudanças de forma processual.

4.5 - Alimentação e consumo

Se, antes, era a desnutrição infantil uma grande preocupação do Brasil, atualmente a ameaça é outra: uma epidemia de obesidade vem mostrando índices assustadores e em franca ascensão.¹¹ As doenças relacionadas aos modos de alimentação atuais são alarmantes e afetam a vida de todos, mas especialmente das crianças.

O excesso de sal, gordura açúcar e corantes presentes nos alimentos processados, tais como biscoitos recheados, alimentos em lata, salgadinhos “de pacote”, macarrão instantâneo, refrigerantes e sucos, acarreta graves problemas de saúde. Hipertensão, diabetes e outras doenças relacionadas com a obesidade não são mais doenças só da vida adulta.

Esses alimentos, veiculados pela mídia direcionada aos pequenos como saudáveis, forti-

11 - Uma em cada cinco pessoas no país está acima do peso. A prevalência da doença cresceu 60% em 10 anos, segundo dados do Ministério da Saúde em 2017. Com relação às crianças, é interessante comparar os dados abaixo: Obesidade – 33,5% das crianças de 5 até 9 anos apresentam excesso de peso (Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2008-2009). Desnutrição – 7% das crianças menores de 5 anos apresenta desnutrição crônica (déficit de altura) (Fonte: PNDS. 2006).



ficados, contendo vitaminas, são, sobretudo, baratos e ficam dispostos nos supermercados em prateleiras à altura das crianças. Sem nenhuma dúvida, os profissionais do marketing sabem que a base do paladar é formada na infância e se utilizam desse conhecimento para fidelizar seu público.

Este quadro alarmante motivou a sociedade a construir a segunda edição atualizada do *Guia Alimentar para a População Brasileira* em 2014, pelo Ministério da Saúde. A resposta ao grande interesse das pessoas em saber o que é uma alimentação saudável está no *Guia* e é bastante simples: o bom arroz e feijão, as hortaliças, a mandioca e seus derivados, o milho do cuscuz nordestino, as carnes, os queijos. Ou seja, a sabedoria da tradição alimentar de nossa cultura, alimentos acessíveis a todas as classes sociais.

Por outro lado, alimentos tais como biscoitos recheados, achocolatados, sucos industrializados, margarina, salsicha¹², tão frequentemente encontrados nos cardápios escolares, são na maioria alimentos ultraprocessados ou processados, dependendo de sua composição, e contêm, muitas vezes, excesso de açúcar e sódio, devendo ser evitados ou consumidos em pequenas quantidades. Uma boa dica para compartilhar essas informações com a equipe é analisar o rótulo dos produtos, para isso o *Guia* indica:

Um número elevado de ingredientes (frequentemente cinco ou mais) e, sobretudo, a presença de ingredientes com nomes pouco familiares e não usados em preparações culinárias (gordura vegetal hidrogenada, óleos interesterificados, xarope de frutose, isolados proteicos, agentes de massa, espessantes, emulsificantes, corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários outros tipos de aditivos) indicam que o produto pertence à categoria de alimentos ultraprocessados.

12 - O município de São Paulo proibiu em 2018 a salsicha e outros embutidos na merenda escolar em consonância com as indicações do *Guia Alimentar para a População Brasileira*, entretanto vários municípios ainda servem esse alimento que, para evitar engasgos, deve ser cortado em quadradinho e nunca em rodela. Conheça outros alimentos que podem provocar engasgo em crianças menores de 4 anos em: "Criança Segura" (disponível em <http://criancasegura.org.br/>) e Sociedade Brasileira de Pediatria (site: <http://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/aspiracao-de-corpo-estranho>).

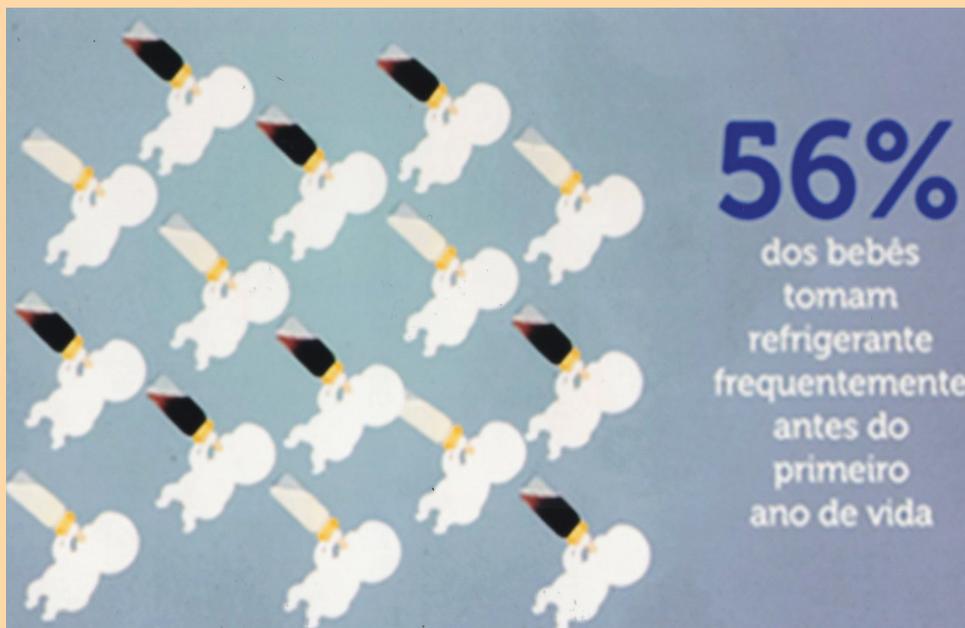


Direto da prática do município

Observamos que as crianças traziam nas mochilas alimentos inadequados, salgadinhos, bolachas recheadas e sucos industrializados. Muito embora as unidades fornecessem o lanche, elas, inevitavelmente, preferiam esses. Decisivamente a escola não poderia ficar fora desse debate.

Assistimos ao filme Muito Além do Peso (disponível na internet) e ficamos assustados com a revelação das imagens em que as crianças não identificavam alimentos presentes no cardápio da escola, batata, cebola, chuchu. As unidades debateram o filme com os profissionais e organizaram sessões para assistir e discutir a questão com as famílias.

Fonte: Filme Muito Além do Peso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GiHCT4>>. Acesso em: 2 dez. 2017.



“O momento do lanche mudou bastante. O lanche da escola é muito mais saudável e as mães diminuíram bastante a iniciativa de colocar na bolsa dos seus filhos refrigerante e petisco. As crianças preferem ir ao refeitório e se servirem.”

Relato de uma professora em São Domingos (MA)



Aportes da formação

Com a equipe de saúde dos municípios, refletimos sobre o *Guia Alimentar para a População Brasileira* para incentivar localmente as ações do programa de redução da obesidade infantil do Ministério da Saúde.

Orientações sobre como socializar as informações do *Guia* com os adultos da unidade e os familiares, usando diversos filmes disponíveis na internet, poderiam contribuir para promover a saúde de todos.

Aproximar as nutricionistas das ações de formação na unidade possibilita que aconteçam trocas importantes. As nutricionistas aprendem mais sobre educação e sobre formação continuada e, as educadoras, sobre saúde alimentar.

Em 2014, o Brasil comemorou uma grande vitória: o país foi retirado do mapa da fome, reduzindo a desnutrição em 82%. Além disso, o Brasil conta com um Programa Nacional de Alimentação Escolar, o PNAE, reconhecido mundialmente e referência para a implantação de programas similares em outros países. Servindo cerca de 50 milhões de refeições diárias, essas conquistas preservam o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), que prevê o acesso dos escolares à alimentação saudável e adequada, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

Dentre as ações do PNAE, merece destaque a Lei nº 11.947 (2009), que define que 30% dos recursos repassados pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) para alimentação escolar devem ser utilizados na compra direta de alimentos da agricultura familiar. Isso significa que boa parte dos recursos repassados ficam no próprio município, promovendo o desenvolvimento econômico local, e resulta na presença de alimentos frescos e *in natura*, recomendados pelo *Guia*, no cardápio.

Mas ainda restam muitos desafios. O predomínio da monocultura, a vocação agrícola das localidades, a falta de acesso à água, à terra e às tecnologias de irrigação, a situação financeira dos municípios e a ausência de articulação entre os setores administrativos, estão entre eles.

Também é necessário que os Conselhos de Alimentação Escolar (CNAE) atuem mais



no acompanhamento e fiscalização do PNAE. O fortalecimento de propostas de educação alimentar consistentes nas escolas e a garantia da alimentação diferenciada para os alunos portadores de necessidades alimentares especiais (NAE) previstas em lei¹³ são outros problemas apontados pelos pesquisadores.

Aporte da formação

Uma das reflexões feitas na formação: faz parte da responsabilidade dos técnicos das SMEs e dos gestores conhecer e acompanhar as políticas de alimentação escolar. Sob esse prisma, em 2017, foi feito um levantamento sobre os desafios em relação à implementação da Lei nº 11.947/09 entre os participantes do PEI. Em alguns municípios, a ação já estava bem avançada e até superava os 30% de produtos da agricultura familiar, fruto de muito empenho intersetorial nas cidades. Outros tinham desafios bem maiores e relataram a desarticulação entre os setores. Quando da transição da gestão, durante a vigência do PEI, os processos em curso ficaram ainda mais atrasados.

13 - Lei nº 12.982, de 28 de maio de 2014.



5 - Concluindo para abrir um convite

O Programa de Educação Infantil trabalhou muitos conteúdos durante os três anos, mas não pôde cobrir todos os temas que promovem uma educação integral. A formação continuada é um processo para sempre. Uma rede comprometida em oferecer cada vez mais um ensino público de qualidade vai diagnosticando, tematizando diferentes temas e, principalmente, implantando novas práticas.

Assim sendo, deixamos aqui mais uma questão imprescindível para tornar-se objeto de trabalhos nas redes: da mesma forma que a base do paladar se constrói na infância, também o gosto pelo movimento surge nessa fase. Frequentar cotidianamente as áreas externas na unidade educativa, fazer um passeio à praça vizinha e tomar sol garantem a saúde e o bem-estar. Correr, pular, explorar o espaço e testar os limites do seu corpo faz parte da infância. Fica aqui o convite: vamos olhar mais para as áreas externas e ver se as crianças estão se movimentando e explorando tudo a que têm direito?



Explorando o quintal da creche e se deliciando com as amoras da nossa amoreira. Matão (SP)



6 - Roteiro para futuras edições

O Programa de Educação Infantil aconteceu em 38 municípios brasileiros com realidades muito diferentes entre si. Tendo sido testado, reformulado e reaplicado, gerou muitas aprendizagens e demonstrou que é perfeitamente possível implantar as concepções preconizadas tanto nas DCNEI quanto na BNCC. Para aqueles municípios interessados em fazer propostas de formação continuada semelhantes à do PEI, elaborou-se o roteiro a seguir.

Tendo o apoio das DCNEI e da BNCC sobre Educação Infantil, o guia do PEI e os textos indicados na bibliografia, é possível traçar um roteiro próprio de cada município. São seis os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC e cinco os campos de experiência. No roteiro deste guia, os campos de experiência envolvidos são o **Eu, o outro e o nós** e **Corpo, gesto e movimento**. Mas lembramos que muitas combinações serão possíveis.

Para auxiliar a tarefa de transformar as práticas tradicionais da Educação Infantil em novas ações, que respeitem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças e instituem práticas inovadoras, seguem perguntas desafiadoras para colaborar com o projeto de formação em gestão para saúde e bem-estar a ser aperfeiçoado ou iniciado.

Concepções gerais para ajudar a pensar as ações de cuidados nas creches e pré-escolas do seu município

- Há uma equipe na Secretaria de Educação específica para implantar e acompanhar os procedimentos de saúde nas creches e pré-escolas?
- Em caso afirmativo, é essa equipe que faz a formação das profissionais das unidades educativas?
- Caso não exista, como a Secretaria de Educação se organiza em relação a essa área?
- Há uma integração entre as Secretarias de Saúde e Educação?
- Existem protocolos de procedimentos de cuidados nas unidades educativas?
- Todos os adultos das unidades educativas são formados nas questões de saúde e bem-estar? Incluindo o pessoal de apoio, as professoras, os gestores?



- A concepção de criança, de cuidar e educar são conhecidas de todos os envolvidos? Estão declaradas no Projeto Político Pedagógico da escola?

Implantação das rotinas de cuidados por temas

- Existem planos de ação estabelecidos para que novos procedimentos sejam implantados?
- Todos da equipe participam? E as famílias?
- Como são monitorados os resultados?

Lavar as mãos

- Há algum plano de ação sobre lavagem das mãos?
- Em caso positivo, como é feito o acompanhamento das ações?
- Em caso da inexistência, que tal seguir o roteiro abaixo?
- Há pias suficientes para o número de crianças? Elas estão na altura dos pequenos?
- As torneiras estão em boas condições? São fáceis de abrir?
- Há espelhos? Estão na altura das crianças?
- Há sabonete líquido junto às pias?
- Os frascos e ou dispensadores de sabonete líquido são fáceis de usar?
- As toalhas, quando de pano, são individualizadas? Ou há toalhas de papel?
- Os profissionais conhecem os procedimentos corretos de higiene das mãos e os realizam em seu cotidiano?
- Eles ensinam para as crianças os procedimentos?

Assoar o nariz

- O procedimento de ensinar as crianças a assoar o nariz existe?
- Em caso negativo, quais os passos para iniciar um plano de ação para sua implantação?
- Começar pelo diagnóstico implicaria quais atividades?
- Caso já exista a prática, checar como estão os itens abaixo:
 - ✓ Há cantos para a higiene do nariz em todas as salas e em outros locais que as crianças frequentam?
 - ✓ Os materiais e sua organização favorecem a autonomia das crianças?



- ✓ Os materiais disponíveis são laváveis¹⁴, possibilitando a higiene?
- ✓ Quais são as orientações para a prevenção de doenças das vias aéreas?
- ✓ Há controle de doenças sistematizado nas unidades?
- ✓ Em caso positivo, como os dados ajudam a replanejar os procedimentos preventivos?

Alimentação e autonomia

- As inúmeras questões que envolvem a alimentação fazem parte do projeto político-pedagógico da unidade educativa?
- Existe a compreensão de que a alimentação, além das questões nutricionais, envolve aspectos culturais e afetivos?
- Há introdução de pratos e hábitos regionais na hora das refeições?
- Há planejamento institucional visando tornar as crianças cada vez mais autônomas nas refeições?
- Há possibilidade de escolher os alimentos, as quantidades em um sistema de *self-service* ou o prato já vem pronto da cozinha?
- No caso em que as crianças podem se servir a partir de 2 ou 3 anos, como é a disposição das bancadas, altura, praticidade?
- Como são as mesas e sua disposição no refeitório? Favorecem a conversa e a circulação?
- Como são os pratos, de plástico ou de vidro resistente?
- E os talheres, plástico ou aço inoxidável?
- Existe a possibilidade de a criança usar, além da colher, garfo e faca?
- As mesas são de material lavável?
- Na hora das refeições, o lugar do prato na mesa recebe algum suporte? Jogo americano ou toalha, por exemplo, que tornem o ambiente mais aconchegante? Há guardanapo?
- O que dizem as paredes do refeitório das escolas e creches do seu município?
As imagens são pintadas, desenhadas e concebidas por adultos? Legumes com caras

14 - Os materiais e o mobiliário do local previsto para assoar o nariz são considerados área crítica, por isso devem ser lavados com água e sabão e após, enxágue, desinfetados com solução clorada 500 ppm, todos os dias.



e bocas? Personagens de desenhos comerciais divulgadas na grande mídia?

- Há produções de crianças? Desenhos e pinturas, por exemplo?

Relações à mesa

- As crianças podem conversar entre si quando estão à mesa?
- Há diálogos entre os adultos e as crianças durante a refeição?
- O que é dito para as crianças quando elas deixam comida no prato?

Alimentação dos bebês

- Como se dá a alimentação dos bebês?
- Antes que consigam sentar, como são alimentados?
- A partir do momento em que conseguem se sentar sozinhos, usam cadeirões ou dispositivos similares?
- Quais as precauções adotadas em caso de uso do cadeirão?
- Há interação entre o adulto que o alimenta e o bebê?
- Os bebês ficam esperando no cadeirão para serem alimentados?
- Os bebês são incentivados a pegar com as mãos alimentos que estão cortados em pequenos pedaços, como cenouras, vagens etc.

Alimentação e consumo

- A Secretaria de Educação e a de Saúde desenvolvem ações efetivas com as famílias, profissionais das unidades educativas e as crianças sobre o consumo excessivo de alimentos processados?

Agricultura familiar e merenda

Como está a integração da agricultura familiar na merenda das unidades educativas?



7 - Plano de ação

“LAVANDO AS MÃOS EU TAMBÉM APRENDO”

Programa de Educação Infantil
Gestão para a Saúde e o Bem-Estar

Período de duração do projeto: de junho a dezembro/2015

Escola: CEMEI Ilcleia Fernandes Bastos Ávila

Diretor da unidade: Parasceves Pádua Pinto

Coordenadora pedagógica: Valéria Gonçalves Sardinha Terceiro

Diagnóstico

O CEMEI Ilcleia Fernandes Bastos Ávila está localizado na Rua Alvorada, s/n – Bairro Jucunem – Guarapari (ES). Atualmente atende 16 turmas, totalizando 230 alunos na faixa etária de 6 meses a 3 anos, distribuídos igualmente em dois turnos, sendo que três dessas turmas funcionam em período integral.

Conforme visitas de supervisão, objetivando acompanhar e observar como acontece a lavagem de mãos no espaço escolar, percebemos por meio de conversas e observações que a maioria dos profissionais deste CEMEI conhece a importância e os procedimentos de lavagem de mãos, mas não o fazem da maneira correta. Já as crianças, sabem que devem lavar as mãos, mas desconhecem o modo correto de fazê-lo e não compreendem a real importância dessa simples ação.

A estrutura da escola não favorece a autonomia das crianças, pois não possui todos os equipamentos adaptados. Nos banheiros infantis não há espelhos, mas há torneiras, lixeiras e suportes para papel e sabonete. O dispensador para o sabonete líquido é muito duro e alto, assim muitas crianças não conseguem manuseá-lo. Por isso, elas já utilizam uma segunda



opção com válvula para apertar. Os materiais (sabonete líquido e papel-toalha) na maioria das vezes são suficientes, e o fornecimento é feito pela Secretaria Municipal de Educação. O maior problema identificado é a posição das pias, que são muito altas para as crianças. O banheiro destinado aos professores e visitantes é organizado e não há lavatório no refeitório.

Não há uma organização clara quanto à lavagem de mãos. Este procedimento só é realizado quando a professora julga necessário (no caso das crianças menores) ou quando a própria criança acha que deve lavar as mãos por algum motivo (no caso dos maiores). Nas turmas de berçário, a professora lava as mãos das crianças, mas foram poucas as vezes em que a professora focou em explicar a importância e o procedimento. Nas turmas de maternal, as crianças executam os procedimentos sem auxílio de um adulto. Quando possível ou necessário, há alguma intervenção. É notório que a lavagem de mãos não tem a intencionalidade que deveria e muitas vezes a ação acontece de maneira inadequada, anulando todo o valor e a importância que tal procedimento possui.

A sensibilização da equipe gestora, pedagógica e operacional pode ser um ponto de partida para que haja uma mudança de olhar sobre a importância da ação da lavagem das mãos. Logo, as crianças e suas famílias serão impactadas com ações planejadas para tornar este ato uma rotina importante na vida de todos.

Objetivo geral da proposta

Construir o hábito de lavar as mãos usando os procedimentos corretos, desenvolvendo, assim, ações para a melhoria dos hábitos de higiene.

Objetivos específicos:

- Capacitar a equipe dos profissionais da escola para garantir a implementação do programa para ampliar o conhecimento sobre os procedimentos de lavagem de mãos, compreendendo a importância de cada profissional no desempenho de suas funções.



- Providenciar os materiais (sabonete líquido e papel-toalha) para que a higienização das mãos aconteça de maneira adequada, além de informativos com a ordem dos procedimentos, espelhos na altura ideal nos banheiros infantis e adequação da altura das pias.
- Planejar ações direcionadas para que as crianças apreendam os procedimentos para a higienização das mãos conforme sua faixa etária.
- Investir na estética e organização do lavatório, utilizando maneiras criativas, baratas e funcionais.
- Assegurar que a higienização das mãos faça parte da rotina de todos, envolvendo a escola e a família e garantindo, assim, a continuidade das ações.

PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

AÇÕES DE INFRAESTRUTURA E CONDIÇÕES DE HIGIENE					
Objetivos específicos Resultados esperados	Público-alvo	Como fazer para atingir os resultados	Responsável pela ação	Quando	Quais os recursos necessários (materiais, humanos)
Providenciar os materiais: <i>sabonete líquido e papel-toalha</i>	Crianças e profissionais da escola	Solicitar por meio de ofício à secretaria, justificando a necessidade e o quantitativo ideal dos materiais para um dado período de tempo	Gestor e Secretaria Municipal de Educação	Curto prazo	Ofício, sabonete líquido e papel-toalha
Providenciar os materiais: <i>espelhos</i>	Crianças	Solicitar por meio de ofício à secretaria, justificando a necessidade e a quantidade e metragem ideal	Gestor e Secretaria Municipal de Educação	Médio prazo	Ofício e espelhos
Providenciar os materiais: <i>pias na altura das crianças</i>	Crianças	Solicitar por meio de ofício à secretaria, justificando a necessidade de ajuste na altura das pias Providenciar caixotes como medida paliativa	Gestor	Curto prazo	Ofício, mão de obra da secretaria e caixotes
Providenciar os materiais: <i>informativos com os procedimentos de lavagem de mãos.</i>	Crianças e profissionais da escola	Imprimir os informativos coloridos criar informativo com as fotos das crianças realizando os procedimentos incentivar para que as crianças criem o próprio informativo respeitando a ordem certa dos procedimentos	Coordenadoras pedagógicas e professoras	Curto e médio prazo	Informativos impressos, máquina fotográfica ou celular com boa resolução, cartolinas, papel sulfite colorido, canetinhas coloridas, lápis de cor e giz de cera, papel contact para impermeabilizar o informativo.



AÇÕES DE FORMAÇÃO DA EQUIPE E COM FAMILIARES					
Objetivos específicos Resultados esperados	Público-alvo	Como fazer para atingir os resultados	Responsável pela ação	Quando	Quais os recursos necessários (materiais, humanos, financeiros, textos)
Formar a equipe dos profissionais da escola para garantir a implementação do programa para ampliar o conhecimento sobre os procedimentos de lavagem de mãos, compreendendo a importância de cada profissional no desempenho de suas funções.	Profissionais da escola	1ª Reunião de Formação Conteúdos: - Contaminação e a existência de microrganismos patogênicos - As mãos como principal veículo de transmissão de doenças - Condições materiais para a higiene das mãos na escola	Gestor e coordenadoras pedagógicas	Maior de 2015	Slides e pauta do 1º Encontro, filme <i>Lavar as mãos para quê?</i> , Projeto Lavar as Mãos, da Creche Nossa Senhora das Graças e cópias do artigo "Uma mão lava a outra", de Damaris Maranhão
Idem acima	Profissionais da escola	2ª Reunião de Formação Conteúdos: - Procedimentos e a rotina de higiene das mãos para as crianças e os profissionais da escola - Conceito de autonomia e a higiene das mãos das crianças - Diagnóstico da higiene das mãos	Gestor e coordenadoras pedagógicas	Junho de 2015	Slides e pauta do 2º Encontro, Guia de Aprendizagens Significativas, câmera fotográfica, cartolinas coloridas, fotos, dures colorido, canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera e cópias do artigo "Lavar as Mãos", de Dráuzio Varella
Planejar ações direcionadas para que as crianças aprendam os procedimentos corretos para a higienização das mãos conforme sua faixa etária	Profissionais da escola	3ª Reunião de Formação Conteúdos: - O que as crianças aprendem ao lavar as mãos - Construção da autonomia, da identidade e de novos conhecimentos - O papel de cada profissional da escola e suas necessidades formativas - Orientações para elaboração do plano de ação	Gestor e coordenadoras pedagógicas	Julho de 2015	Slides e pauta do 3º Encontro, filme <i>Sabesp Closes</i> , filme <i>Diagnóstico de Guarapari-Proinfância</i> e orientações para elaboração do plano de ação
Investir na estética e organização do lavatório utilizando maneiras criativas, baratas e funcionais	Profissionais da escola	4ª Reunião de Formação Conteúdos: - Planejar é priorizar, detalhar os procedimentos e envolver a equipe na busca de soluções - Critérios para escolha de materiais para higiene das mãos - O que é importante garantir na organização do espaço do lavatório	Gestor e coordenadoras pedagógicas	Agosto de 2015	Slides e pauta do 4º Encontro, filme <i>Mostra Literária – Lavar as mãos?</i> e cópias do artigo "Economizar água sim, descuidar não", de Damaris Maranhão
	Profissionais da escola	5ª Reunião de Formação Conteúdos: - Aprimoramento dos planos de ação das escolas - Observação das crianças na situação da lavagem das mãos - Observação e avaliação do desenvolvimento das ações institucionais	Gestor e coordenadoras pedagógicas	Setembro de 2015	Slides e pauta do 5º Encontro, slides: cartazes e campanhas "Higiene das mãos pelo mundo", filme <i>A hora de lavar as mãos</i> , da Proinfância/ Guarapari, e pautas de observação: professor e gestor



AÇÕES DE CONSOLIDAÇÃO E CONTINUIDADE DO PROJETO

Objetivos específicos Resultados esperados	Público-alvo	Como fazer para atingir os resultados	Responsável pela ação	Quando	Recursos necessários
Assegurar que a higienização das mãos faça parte da rotina de todos	Profissionais da escola e crianças	Observar, supervisionar e acompanhar se os procedimentos de higienização das mãos foram incorporados na rotina da escola	Gestor e Coordenadoras pedagógicas	Curto, médio e longo prazos	--
Assegurar que a higienização das mãos faça parte da rotina de todos	Famílias	Reunião com os pais para apresentar o programa e esclarecer a importância da higienização correta das mãos Dinâmica com os olhos vendados e com as mãos pintadas de tinta	Gestor e Coordenadoras pedagógicas	Curto prazo	Slides, filme <i>Espirro</i> , filme <i>Procedimentos de lavagem das mãos</i> , tinta guache e venda para os olhos
Manter as famílias envolvidas e informadas com o plano de ação	Família	Confecção de um mural para <i>hall</i> de entrada da escola para socializar as ações do programa	Coordenadoras pedagógicas e professores	Curto, médio e longo prazos	Papel-cenário, fotos, canetinhas e fita adesiva colorida
Garantindo a continuidade das ações	Profissionais, crianças e famílias da escola	Inserir o Projeto de Lavagem das Mãos no Plano Político-Pedagógico da escola Trabalhar com as campanhas de 5 de maio – Dia Mundial de Higienização das Mãos – e 15 de outubro – Dia Mundial de Lavar as mãos, a fim de fortalecer a continuidade das ações	Coordenadoras pedagógicas	Médio e longo prazos	PPP – Plano Político-Pedagógico



8 - Projeto Institucional Centro Municipal de Educação Infantil Aquarela

Município de Guaraí (TO) – 2016

O self-service na escola ao alcance das crianças - Diagnóstico e justificativa

O Centro Municipal de Educação Infantil Aquarela (CMEIA) foi construído de acordo os padrões exigidos pelo MEC e, por essa e outras razões, apresenta uma estrutura física boa para a Educação Infantil. Porém, ainda que relativamente novo (menos de cinco anos) e funcional, necessita adaptações no que tange ao espaço destinado à alimentação escolar, pois não existe um refeitório enquanto cômodo específico edificado para a finalidade de servir refeições.

O tempo destinado às refeições, de apenas 15 minutos, não é suficiente, o que ocasiona um ritmo acelerado de serviço e uma rápida alimentação por parte das crianças. A autonomia das crianças e a desejada tranquilidade no momento da alimentação evidenciam a necessidade de proporcionar um tempo maior para as refeições.

Planejamento de ações a partir do diagnóstico

A ampliação da cobertura do espaço destinado à alimentação escolar faz-se necessária, de modo a minimizar os efeitos do sol e da chuva no ambiente. Como a escola está localizada em região geográfica exposta a elevadas temperaturas médias anuais, o fechamento das laterais com paredes não se mostra o mais adequado, pois aumentaria o calor no ambiente. O ambiente deverá ser repensando considerando preferencialmente elementos da cultura local e a inclusão da comunidade escolar, crianças, famílias e as equipes de funcionários que pertencem à escola.

A melhoria da interação passa por um entendimento da equipe sobre a necessidade de diálogo com a criança, não de ordens e proibições constantes. Alimentar-se, muito mais do que abastecer-se de nutrientes para satisfazer as necessidades biológicas, é um ato social e, no âmbito escolar, cria a oportunidade para o aprendizado da cultura. Portanto, esse projeto é



de grande relevância para que as crianças sejam envolvidas numa outra perspectiva educativa, pautada na autonomia, no contato com a estética do refeitório e nas interações de qualidade entre crianças e adultos.

Objetivo geral

Envolver toda a equipe em ações de formação continuada, visando promover o protagonismo, a autonomia, a convivência social e as aprendizagens das crianças.

Objetivos específicos

- Planejar a rotina das refeições, respeitando o ritmo da criança para que cada uma delas tenha tempo necessário para alimentar-se com tranquilidade.
- Reorganizar os horários para que entre cada grupo de crianças haja um intervalo de dez minutos.
- Ocupar as paredes do refeitório com produções realizadas pelas crianças com trocas periódicas de turmas e temas.
- Adquirir utensílios necessários para o *self-service*, como pratos de vidro, talheres, copos de vidro, conchas e jarras pequenas, travessas.
- Adequar os mobiliários considerando as necessidades das crianças (estatura, possibilidade de autonomia e interação).
- Envolver a equipe escolar e famílias no processo de desenvolvimento do projeto.
- Formar a equipe operacional e de professores para que compreendam aspectos afetivos, sociais, culturais e pedagógicos envolvidos na alimentação das crianças.
- Incluir a proposta do *self-service* no Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar e garantir, através das formações, o aprimoramento, a consolidação e a continuidade.

Conteúdos

Professoras

- Observação das crianças nas refeições e identificação necessidades individuais em



um ambiente coletivo, reconhecimento e valorização das competências das crianças.

- Construção de hábitos alimentares, identidade e autonomia nas refeições.
- Papel do professor nas refeições: interações de qualidade com as crianças e construção de regras sociais à mesa.
- Planejamento da introdução do uso de diferentes utensílios pelas crianças.

Equipe operacional

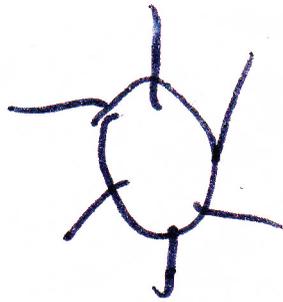
- Estética, apresentação e distribuição dos alimentos.
- Organização da bancada do *self-service*.
- Observação e acompanhamento das refeições: aceitabilidade do cardápio pelas crianças e identificação de necessidades específicas.
- Papel do profissional na construção de hábitos e do paladar.
- Noções de estética do refeitório e das mesas, organização e higiene do espaço.

Crianças

- Construção da presença autônoma no ambiente escolar.
- Convivência à mesa.
- Conhecimento e uso de utensílios para alimentação.
- Degustação de frutas, verduras e legumes.

Avaliação e resultados

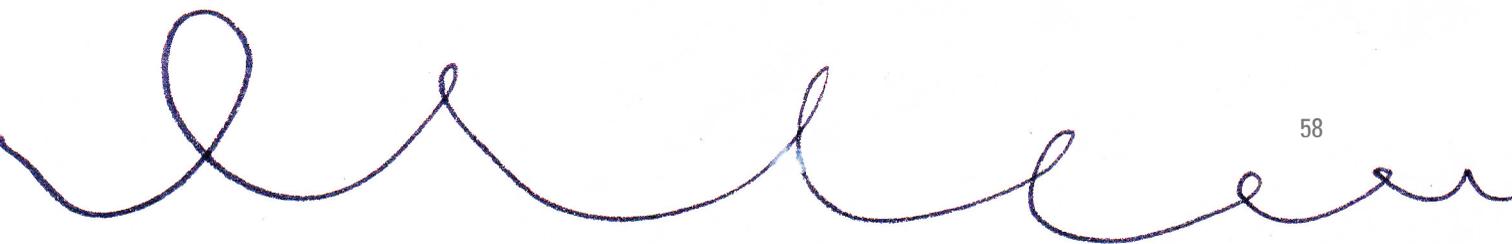
- Realização de reuniões com toda a equipe da escola, tendo como resultados a elaboração do projeto institucional, implantação, monitoramento e avaliação da proposta.
- Adaptação do refeitório e do mobiliário para ficar acessível e favorável às crianças.
- Implantação de rotina de formação continuada para os professores e equipe operacional.
- Implantação do *self-service* nas refeições e diversificação das ofertas nas refeições.



9- REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS DO PEI



Paola, 5 anos





Documentos oficiais

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (vol. 1)**. Brasília: MEC/SEF,1998. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf, acesso em julho de 2018

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (vol. 2)**. Brasília: MEC/SEF,1998. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf> acesso em julho de 2018

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (vol. 3)**. Brasília: MEC/SEF,1998. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>, acesso em julho de 2018

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base nacional comum curricular(BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/pdf/3_BNCC-Final_infantil.pdf >. Acesso em: jun 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: < http://portal.mec.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012pdf&Itemid=30192 f >. Acesso em: jun.2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (vol. 1)**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (vol. 2)**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

_____. Ministério da Saúde. *Cantinas escolares saudáveis – Promovendo a alimentação saudável*. Brasília, 2014.

_____. Resolução CNS Nº 408, de 11 de dezembro de 2008 . PNAE. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/programas/alimentacao-escolar/alimentacao-escolar-apresentacao>>



Livros

BOFF, L. *Saber cuidar: Ética do humano - Compaixão pela terra*, 19ª. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, S., KLISYS, A. E AUGUSTO, S. *Bem-vindo, mundo! Criança, cultura e formação de educadores*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2006.

CASCUDO, L. C. *A história da alimentação no Brasil*, vol. 1 e 2. São Paulo: Global Editora, 2011.

FALK, J. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2004.

HEVESI, K. Relações através da linguagem entre educadores e as crianças do grupo. In: Falk, J. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2004.

HORTA, N. Comida de Alma . In: HORTA, Nina. *Não é sopa: crônicas e receitas de comida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MARANHÃO, D. G.; VICO, Eneida S. R. Higiene em precauções-padrão em creche: contribuindo para um ambiente saudável. In: SANTOS, Lana E. da S. dos. *Creche e pré-escola: uma abordagem de saúde*. São Paulo: Artes Médicas, 2004.

ORTIZ, C.; VENCESLAU, M. T. *Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar: uma única ação*. São Paulo: Blücher, 2012.

TORO, B. *O cuidado: o paradigma ético da nova civilização*. (palestra), São Paulo, Sesc-SP, 2009.

Artigos

CORSI, Elza *Educação infantil e a alimentação*. Cadernos de Formação- Pedagogia cidadã. São Paulo: Unesp, 2004

LOBO, Rita. “Paladar, uma questão de gosto”. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/culinaria/reportagem/especiais/paladar-questao-gosto-237441.shtml>>.



Relação de artigos da *Revista Avisa lá* citados

CORSI, Elza. “Beleza se põe na mesa”. *Revista Avisa lá*, nº 12, 2002.

_____. “Comida da alma, nutrição do espírito, do prazer, do acolhimento.” *Revista Avisa lá*, nº 8, 2001.

REVISTA Avisa lá. “O que dizem as paredes das escolas”, nº 13, 2003

CARVALHO, Sílvia Pereira de. “As delicadas relações entre construção de hábitos e aprendizagem”. *Revista Avisa lá – Especial Nutrir*, nov. 2005.

NASCIMENTO, Raimundo Honorato do; ROSA, Clélia Virginia. *Revista Avisa lá*, nº 26 nov 2005

REVISTA Avisa Lá. “Fim do prato feito”. – *Especial Nutrir*, nov. 2005.

Título em Clarendon BT,
texto em Adobe Garamond Pro, Corpo 12/14,4
e legendas em Univers-Condensed.
Última revisão em agosto de 2018, São Paulo (SP).

A criança é definida como: sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI),
Resolução CNE/CEB nº 5/2009.

